



FAIXA DE GAZA
A vida na região onde o terror é o governo



A DAMA DE FERRO
Meryl Streep é um assombro no papel de Thatcher

FUTEBOL
Como fica a CBF sem Ricardo Teixeira



Editora ABRIL
edição 2257 - ano 45 - nº 8
22 de fevereiro de 2012

veja

0 2 2 5 7 >
9 770100 712004
R\$ 9,90
ISSN 0100-7122

www.veja.com

PURIFICAÇÃO

Por que a luta da medicina contra as toxinas que causam doenças é mais complexa do que parece

questões giravam em torno de problemas de linguagem. Os literatos modernistas retomaram propostas tanto literário-culturais quanto políticas de seus antecessores românticos, a começar pelo nativismo e pelo indianismo. Um século antes, os românticos se haviam proposto criar a literatura que contribuisse para individualizar e projetar no cenário internacional um novo estado-nação, enquanto seus sucessores modernistas, diagnosticando o insucesso pelo menos parcial de tal projeto, resolveram voltar a implementá-lo de forma revista. Tanto à direita quanto à esquerda e mesmo na sua vertente mais anárquica — a Antropofagia de Oswald —, a tarefa que os modernistas se colocavam era a de estabelecer uma identidade nacional própria. Claro que, paradoxalmente, buscava-se essa independência imaginativa com recursos aprendidos dos outros “ismos” internacionais (surrealismo, futurismo etc.) — e o

FORNECEDOR DE “ISMOS”

O poeta franco-suíço Blaise Cendrars: influência sobre várias fases do modernismo brasileiro



CORBIS LATINSTOCK

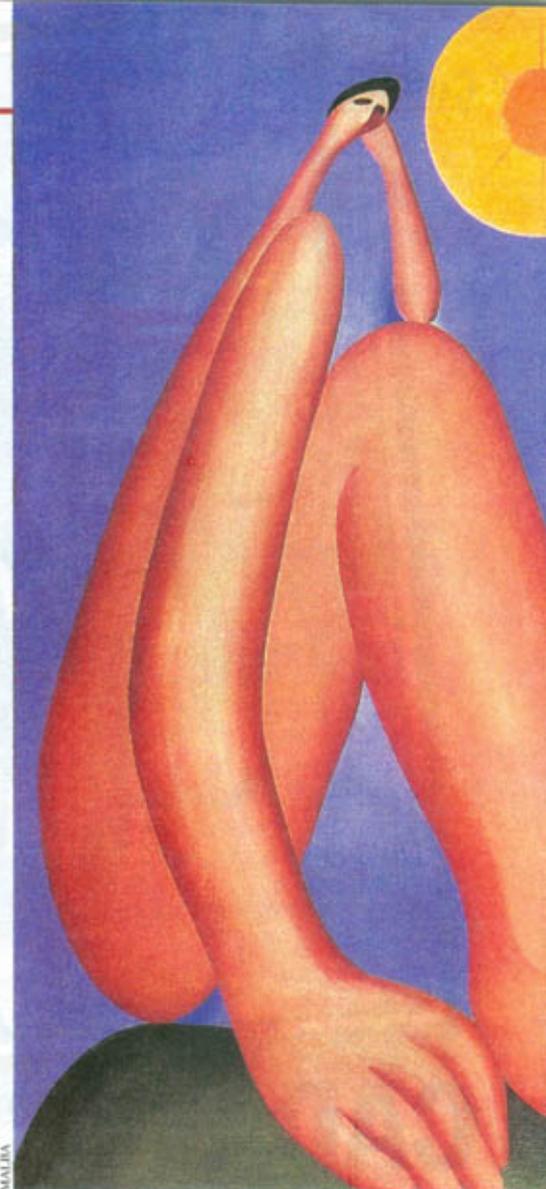
INGENUIDADE TROPICAL

O Abaporu, de Tarsila do Amaral: arte sem sombras, que acreditava na redenção pelo humor

maior fornecedor destes foi o poeta e prosador franco-suíço Blaise Cendrars, que, amigo dos modernistas, visitou várias vezes o Brasil e inspirou coisas tão distintas entre si quanto a poesia “Pau Brasil” de Oswald, os “poemas negros” de Raul Bopp e, em parte, os longos poemas urbanos de Luís Aranha Pereira.

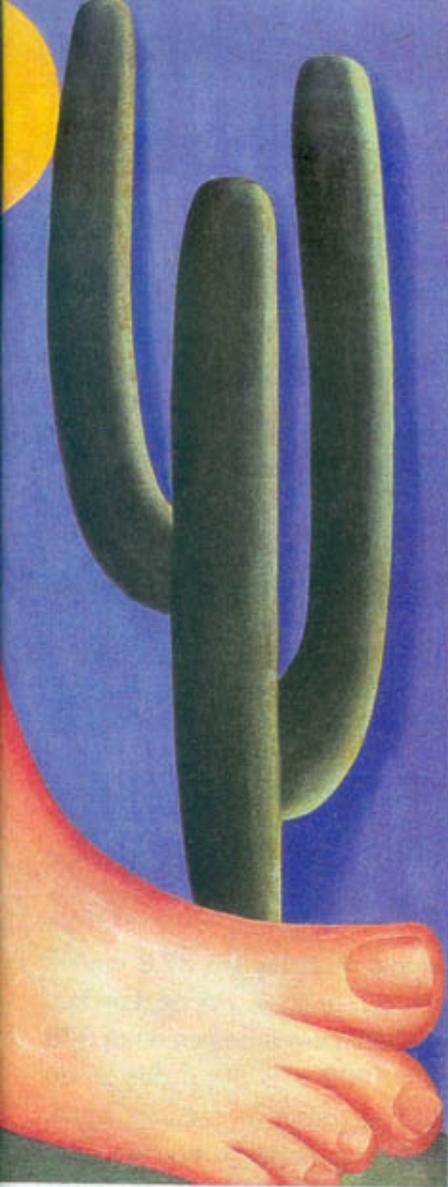
Nossos literatos viam com entusiasmo o ingresso do país numa modernidade que se apresentava a eles como absolutamente positiva. Se comparado aos congêneres europeus, tratava-se de um modernismo ingenuamente otimista. Faltava-lhe a experiência central que, no Velho Mundo, se interpôs entre as fases inicial e madura dos modernismos, enchendo-os de dúvidas, recalcitrâncias e até de medo em relação ao poder redentor da modernidade: a da moderna guerra industrializada de 1914-1918. Quando as melhores cabeças europeias já viam a própria modernização com inevitabilidade trágica e pessimismo sombrio, os jovens brasileiros, dispostos a tirar o atraso nacional mas defasados eles mesmos em mais de uma década, apenas começavam a propagandear suas ideias ingenuamente redentoras, às quais logo se aliou uma militância esquerdista não menos ingênua. Enquanto nossos modernistas inventavam o poema-piada, o americano T.S. Eliot (veja o quadro na página ao lado) publicava, também em 1922, um poema significativamente intitulado *A Terra Desolada*.

Mais problemático é até que ponto o modernismo se impôs como a escola que determinou as preocupações e condicionou as opções estilísticas de praticamente todos os escritores e poetas que vieram depois. Se é, aliás, que há um “depois”, já que o modernismo não se limita à sua primeira fase “heroica”, dominada por Mário e Oswald, mas prossegue numa segunda gera-



MALRA

ção, a dos grandes poetas — de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes a Vinicius de Moraes e João Cabral de Melo Neto — e dos prosadores mais substanciais, sobretudo Graciliano Ramos e Guimarães Rosa. Pode-se inclusive argumentar que o vanguardismo dos anos 50 e 60, representado por concretistas e neoconcretistas, foi uma espécie de terceira geração modernista. E, após esta, tanto os tropicalistas quanto os poetas marginais se inspiraram, com maior ou menor sucesso, diretamente em 1922. Quase toda a poesia brasileira e boa parte de sua prosa continuam operando dentro de limites estabelecidos na Semana, algo que suscita não poucas indagações: com a batalha em prol da dignidade do coloquial ganha há gerações, será esta a única modalidade do português brasileiro na qual é lícito escrever? Com o verso livre transformado em algo compulsório, a atitude “moder-



A revolução do conservador

Em 1922, o americano T.S. Eliot (1888-1965) publicou o poema *A Terra Desolada*, que se tornou um dos textos-síntese do modernismo. Em 1928, T.S. Eliot declarou-se um monarquista em política, um anglicano em religião e um classicista em literatura. Um dos grandes sacerdotes da “nova arte” foi, portanto, também um conservador. É sobre essa figura paradoxal — ao menos para o senso comum, que fez de “modernista” e “revolucionário” palavras quase sinônimas — que se debruça o crítico cultural Russell Kirk em *A Era de T.S. Eliot* (tradução de Márcia Xavier de Brito; É Realizações; 656 páginas; 99 reais). O livro, recém-lançado no Brasil, ocupa um lugar de honra na biblioteca

sobre o poeta desde que foi publicado, em 1971. Tem dois objetivos, e merece ser lido por ambos. O primeiro é traçar um perfil de Eliot. Não uma biografia propriamente dita, pois não há devassa de sua vida íntima, mas um perfil intelectual, que explora com detalhes as fontes do seu pensamento. Kirk demonstra que Eliot não foi daqueles artistas que passaram por crises e rupturas para chegar às ideias da maturidade. O seu trajeto foi linear. As sementes do seu classicismo, por exemplo, germinavam no instante mesmo em que ele produzia os seus versos mais inovadores — pois eles, em vez de repúdio, representavam uma “valorização do passado vivo”. O segundo objetivo é singular: alçar Eliot à posição de maior intelectual conservador do século XX. Morto em 1994, aos 75 anos, Kirk foi, ele próprio, um dos expoentes do conservadorismo nos Estados Unidos. Seu endosso a Eliot tem peso. Para Kirk, Eliot realizou em seus versos e ensaios, com mais beleza e consistência que qualquer outro, “a façanha de reavivar, no século XX, aquelas percepções morais perenes que tornam possíveis a ordem, a justiça e a liberdade”. Isto dá um sabor especial ao livro: a sugestão de que a melhor contribuição do modernismo à cultura não estava, afinal, no seu louvor à ruptura e à revolução, mas na defesa de Eliot das “coisas permanentes”.

CARLOS GRAIEB

PASSADO VIVO

*T.S. Eliot:
“Monarquista
em política,
anglicano
em religião,
classicista
em literatura”*



na” hoje exigiria a revolta contra ele? Se um poema como *Amor/Humor*, de Oswald, tinha lá sua graça (já meio retardatária) há mais de oito décadas, assim como o célebre urinol que Marcel Duchamp expôs com o nome de *A Fonte*, quantas vezes e por quanto tempo a ideia de *ready-made* pode ser repetida antes que isso seja chamado de tolo e cansativo? Será, além disso, que o público continua tão interessado quanto os literatos e, em especial, os professores de humanidades na “redescoberta do Brasil”? Finalmente, será que não está também na hora de deixar de celebrar esse grande monumento de pedra no meio do caminho chamado modernismo, bem como a Semana de 22, deixando enfim o público em geral ler o que lhe interesse e chegar às conclusões que quiser? Isso, sim, seria absolutamente moderno. ■